



<https://doi.org/10.51880/ho.v25i2.1271>



Um *zoom* nos desafios metodológicos de fazer História Oral em tempos de pandemia: confluências e adaptações tecnológicas de uma investigação de História da Educação

Adriena Casini da Silva*

ORCID iD 0000-0002-4570-7814

Colégio Pedro II, Departamento de Anos Iniciais, *Campus Realengo I*, Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: Este artigo é oriundo de uma tese de doutorado em Educação, cujo objeto foi a expansão do Colégio Pedro II (CPII) nos anos 2000. Neste trabalho, “damos um *zoom*” nos desafios de fazer História Oral em isolamento social, devido à pandemia de Covid-19. À luz da literatura de História Oral e de conceitos de memória, “enquadramos” a construção da tese por meio de confluências e adaptações tecnológicas para captação de entrevistados, a fim de possibilitar o fazer da História Oral, para compreender o movimento expansionista da instituição, através das vivências de gestores e servidores do CPII. Concluímos que há diferentes nuances entre as entrevistas presenciais e remotas, no entanto, consideramos que fatores como a colaboração e a aceitação do formato remoto por parte dos entrevistados, além da preocupação de humanizar a entrevista, foram essenciais para superar os desafios metodológicos de fazer História Oral remotamente.

Palavras-chave: Entrevistas de História Oral. História da Educação. Desafios metodológicos. Memória. Colégio Pedro II. Pandemia de Covid-19.

A zoom in on the methodological challenges of doing Oral History in pandemic times: the confluences and technological adaptations of a History of Education research

Abstract: This article is based on a doctoral thesis in Education about the expansion of Colégio Pedro II (CPII) in the 2000s. In this research, we “zoom in” on the challenges of making Oral History during the social isolation, due to the Covid-19 pandemic situation. In the light of the Oral History literature and

* Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), com orientação da Prof.^a Dr.^a Patrícia Coelho da Costa. E-mails: adriencasini@gmail.com; adriencasini@cp2.g12.br.

some memory conceptions, we have “framed” the process of building a thesis throughout confluences and technological adaptations to capture interviewees, to enable the making of Oral History, to understand the expansionist movement of the institution, through the experiences of managers and servants of the CPII. We conclude that there are different nuances between face-to-face and remote interviews, however we consider that factors such as collaboration and acceptance of the remote format by the interviewees, in addition to the concern to humanize the interview, were essential to overcome the methodological challenges of doing Oral History remotely.

Keywords: Oral History interviews. History of Education. Methodological challenges. Memory. Colégio Pedro II. Covid-19 pandemic.

Este artigo foi elaborado com base nas etapas metodológicas que constituíram a escrita de uma tese de doutorado (Silva, 2021) em Educação, acerca das políticas educacionais e institucionais que motivaram a expansão do Colégio Pedro II (CPII), nos anos 2000, partindo de uma investigação de História da Educação no tempo presente, em confluência à História Oral. A metodologia do estudo se desenvolveu por meio de entrevistas com sujeitos que vivenciaram esse movimento expansionista, enquanto gestores ou servidores sindicalizados, de modo a compreender as diferentes vozes que ecoavam pelos corredores sobre esse movimento de ampliação da tradicional instituição.

As entrevistas foram realizadas de forma remota, conforme adequação do cronograma previamente aprovado pelos comitês de ética das instituições envolvidas, considerando os desafios impostos pelo isolamento social, no contexto da pandemia de Covid-19, desde março de 2020.¹ No entanto, como fazer História Oral *on-line*, sem perder nuances e detalhes que poderiam ser observados presencialmente?

Por conseguinte, foi necessário um “zoom” para além do tema da tese, que já tratou de uma ampliação (expansão) da instituição educacional, enquadrando escolhas e possibilidades tecnológicas para essa investigação de História da Educação. Neste artigo, discutimos os desafios que surgiram através da utilização de aplicativos e novas tecnologias para realizar as entrevistas, bem como outras etapas, como a captação de participantes interessados e como a literatura da História Oral contribuiu para tecer e nortear a pesquisa.

¹ A presente pesquisa foi avaliada e aprovada pelo comitê de ética das instituições envolvidas neste estudo – Parecer nº 49/2019, do Projeto nº 33/2019 (com aprovação pelo Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro [PUC-Rio] em 02/05/2019) e Parecer nº 3.772.312/2019 (aprovado em sua segunda versão pelo Comitê de Ética do Colégio Pedro II [CPII], em 15/12/2019) –, com início das atividades de campo para março de 2020, conforme o cronograma aprovado. Entretanto, a eminência da pandemia do Coronavírus (Covid-19) em todo o mundo levou a um estado de quarentena em todo o país e a suspensão das atividades letivas nas instituições de ensino a partir de 13 de março 2020, seguindo as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS), devido à letalidade do vírus. No CPII, a suspensão das aulas presenciais ocorreu no dia 16 de março de 2020, havendo a retomada do calendário de 2020 no ano seguinte, por meio de aulas remotas.

A pré-entrevista como lugar de escuta

A História Oral é uma das abordagens metodológicas em que podemos perceber como o discurso está sempre em disputa, o que nos privilegia a compreender as relações políticas e sociais entre atores e instâncias governamentais. Elencamos a História Oral como método de investigação, fonte de pesquisa e técnica de tratamento dos relatos (Alberti, 2005) de pessoas envolvidas na expansão do CPIO nos anos 2000, ou seja, lideranças (gestores/sindicalizados).

Tal como Araújo e Fernandes (2006), percebemos o depoimento oral como construção histórica, sendo este uma fonte que pode acrescentar a fontes tradicionais e fatos, novas versões de uma prática social ou de um acontecimento que podem evocar uma multiplicidade de memórias (Portelli, 1998).

A memória é fluida, marcada não só por acontecimentos pessoais, como também coletivos. Logo, ao processo de rememoração, podemos considerar as memórias como “[...] flutuações, que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória” (Pollak, 1989. p. 204).

Considerando que a memória é seletiva e imbricada por contextos sociopolíticos do presente e do passado, bem como o período a ser rememorado, foram formulados dois roteiros de questões abertas referentes à atuação profissional no CPIO, relacionados aos grupos de “gestores/servidores” e “sindicalizados”. A proposta do roteiro foi de nortear a realização de todas as entrevistas, sem engessá-las, de modo a estabelecer um diálogo com os entrevistados, permitindo que outros comentários e perguntas surgissem.

No entanto, em meio ao distanciamento ocasionado pela suspensão das atividades presenciais no Colégio, em decorrência da pandemia de Covid-19, os primeiros passos da pesquisa de campo passaram por ajustes necessários para o desenvolvimento do trabalho, especificamente durante a etapa de pré-entrevista, na qual ocorre a captação de entrevistados, através da apresentação da pesquisa e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Rodeghero e Weimer (2021) discutem sobre os desafios de fazer História Oral em um contexto desafiador como a pandemia de Covid-19 e como transpor as intercorrências do presente ao revisitarmos o passado, uma vez que “[...] quando o que vivemos é dificilmente narrável, identificamos um desejo por narrar e por produzir narrativas, [...] o que tem nos instigado a ocupar um lugar de escuta” (p. 476), o que se sucedeu desde a etapa de pré-entrevista, quando os entrevistados foram consultados (por *e-mail* e por WhatsApp) sobre sua disponibilidade, atuação profissional durante os anos 2000 no CPIO, de modo a confirmar algumas informações e, ao explicar o objetivo da pesquisa, se estariam confortáveis em participar.

Nesse momento da pesquisa, alguns pré-entrevistados desistiram por motivos

personais, como problemas de saúde na família e falta de disponibilidade para a entrevista; entretanto, nos deixaram algumas indicações de possíveis entrevistados. O lugar da escuta tornou-se fundamental, como os autores destacaram sobre a recomposição do passado em meio às adaptações necessárias para lidar com o contexto pandêmico. Portelli (1997) destaca a importância de cada entrevistado e de haver, portanto, alguns critérios que nos guiem para além de uma lista de possíveis participantes.

Deste modo, conscientes de que cada entrevistado traz em si uma amálgama de possibilidades, memórias e conhecimentos – para serem compartilhados com a pesquisa e com a comunidade acadêmica –, procuramos elencar alguns critérios. Entre os critérios de inclusão estavam: a atuação como gestor ou funcionário (preferencialmente, como servidor concursado) na Reitoria ou em um dos *campi* do CPII, por no mínimo seis meses, a partir do período em que se compreende o desenho da expansão; a participação em sindicato – Sindicato dos Servidores do Colégio Pedro II (Sindscope) – ou associação da instituição – Associação de Docentes do Colégio Pedro II (ADCPII) – em comissões, colegiados, reuniões, conselhos, comitês internos ou convocados pelo Ministério da Educação (MEC) ou por outro ministério federal, cujas pautas tenham tratado da Expansão nos anos 2000.

Por conseguinte, consideramos que a etapa de pré-entrevista contribuiu para realizar entrevistas pertinentes aos itens de inclusão, de modo a contribuir, a partir da rememoração de suas vivências na instituição, com o estudo da expansão do Colégio Pedro II sob a ótica de seus servidores e gestores. Além de apresentar a pesquisa ao participante, as primeiras etapas da entrevista de História Oral nos levaram a compreendê-la como um lugar de escuta e uma construção histórica, diante do tempo presente e do passado rememorado.

A História Oral pela tela: a realização das entrevistas à distância e sua empiria tecnológica

Fazer História Oral em um contexto atípico como o que enfrentamos exigiu que algumas reflexões fossem feitas sobre as possibilidades metodológicas da pesquisa, que dependia de entrevistas presenciais para seu desenvolvimento. Diferentemente do que disserta Stroja (2020) em seu artigo, sobre pesquisadores já realizarem entrevistas *online* antes da pandemia de Covid-19 – por diversos motivos que colocavam em xeque a disponibilidade de entrevistar presencialmente –, o objetivo inicial da pesquisa era de desenvolvê-las no ambiente de trabalho do entrevistado, no entanto, isso não se fazia possível naquele momento.

Por isso, foi necessário um cuidado metodológico na escolha de aplicativos e *softwares* que poderiam atender aos entrevistados e ao andamento da pesquisa; também

se fez imprescindível refletir sobre as etapas que antecedem as entrevistas e como proceder diante de adequações à uma rotina de isolamento atípico, a qual se encontrava cada vez mais imersa em soluções digitais para o cotidiano.

Ademais, em respeito à faixa etária do grupo de servidores entrevistados (em sua maioria, acima de 50 anos de idade) e de sua adequação ao grupo de risco de contágio por Covid-19, bem como sua disponibilidade em tempos de pandemia, procurou-se adaptar a metodologia à situação sanitária/social do país, de modo a cumprir parte do cronograma apresentado aos respectivos comitês de ética da PUC-Rio e do Colégio Pedro II, com a realização de algumas entrevistas.

Durante a etapa de pré-entrevista – sobre a qual já discorreremos acerca de algumas nuances com relação ao contato inicial com o possível entrevistado –, houve um investimento no estudo de aplicativos e *softwares*, bem como uma breve revisão bibliográfica de experiências de outros pesquisadores no uso dessas tecnologias no momento da entrevista, assim como recomendam Santhiago e Magalhães (2020).

Ainda de acordo com os autores, consideramos que transpomos barreiras, inclusive inerentes à nossa formação, quando a única possibilidade de seguir com as etapas da pesquisa está no mundo digital. Fazer História Oral pela tela exigiu um compromisso de romper o isolamento em diferentes dimensões, que se assemelham à experiência multissensorial da História Oral, a partir da rememoração de sentidos, sentimentos e vivências que transpassam tempos passados, como também de lugares nos quais os entrevistados estavam isolados naquele momento, devido à pandemia.

Nessa etapa, novamente consultamos os entrevistados para ciência sobre a situação de cada um e a disponibilidade para participar da entrevista *on-line*, além de contarmos com as redes sociais e o contato por e-mail para consulta de disponibilidade e acesso ao uso de aplicativos e *softwares*. Dos cinco entrevistados contatados nos meses de maio e junho de 2020, dois apresentaram dificuldades em participar no momento, devido à adaptação ao trabalho remoto no CPII e à preocupação com familiares acometidos pela Covid-19.

Na etapa de iniciação da entrevista, dedicamos os primeiros minutos à ambientação do entrevistado ao aplicativo/*software* escolhido, pedindo autorização para iniciar a gravação de sua imagem e de seu áudio. Ademais, começamos a entrevista com uma breve conversa sobre o entrevistado, com perguntas dirigidas a construir um levantamento de dados dos participantes da pesquisa, abordando aspectos da sua trajetória acadêmica e profissional (anos de atuação na profissão e no Colégio Pedro II).

Em seguida, foram propostas questões conforme o roteiro de entrevistas, as quais corroboram para que os entrevistados rememorem acontecimentos que participaram ou foram testemunhas, estimulando a memória à conjuntura que se pretende investigar. No entanto, o roteiro seguiu como um norte para a realização das entrevistas, que foram conduzidas conforme a fluidez da conversa com cada um dos sujeitos.

Ao utilizarmos a entrevista de História Oral, não podemos nos esquecer de seus

contratempos, tendo em mente as considerações de Pollak (1992) sobre história e memória. Nora alerta que “a memória se pendura em lugares, como a história em acontecimentos” (1993, p. 19), ou seja, os lugares de memória revelam a fluidez da memória, uma vez que se trata de uma interpretação daquilo que foi vivenciado e no momento da entrevista revisitado, não há como acessar a totalidade, e sim uma leitura específica do contexto histórico.

Tomando por consideração a memória e os aspectos ditos e não-ditos (Pollak, 1989), sobre os quais a tecnologia da gravação em vídeo colaborou para visitar a entrevista, tanto no momento da transcrição, quanto durante a análise, a fim de evocar particularidades de prováveis memórias mais seletivas, como as subterrâneas.

Consideramos o momento oportuno para o entrevistado colaborar com a pesquisa, sem pressões externas (Minayo, 2001) e em segurança. Por conseguinte, para que as entrevistas fossem viabilizadas, buscamos nos adaptar às circunstâncias e obter depoimentos orais por áudios de WhatsApp dos entrevistados que não puderem participar por videoconferência, seja por meio do Zoom, Skype, seja por demais ferramentas e aplicativos de comunicação.

Como historiadores orais, nossa arte de ouvir baseia-se na consciência de que praticamente todas as pessoas com quem conversamos enriquecem nossa experiência. Cada um de meus entrevistados [...] representou uma surpresa e uma experiência de aprendizado. Cada entrevista é importante, por ser diferente de todas as outras. (Portelli, 1997, p. 17).

Três entrevistados, inicialmente, se colocaram à disposição para a entrevista *on-line*: a Prof.^a Vera Maria Rodrigues (ex-Reitora e professora do CPII, atualmente aposentada), o Prof. Marcelos Caldeira (ex-Diretor Geral do *campus* Niterói e professor do CPII) e o Prof. Miguel Villardi (ex-Diretor do *campus* Realengo II e professor do CPII). No mês de junho de 2020, foram realizadas essas entrevistas por meio dos aplicativos Zoom (Prof. Marcelos Caldeira e Prof. Miguel Villardi) e videoconferência pelo WhatsApp (Prof.^a Vera Maria), aplicativos esses escolhidos com os entrevistados para facilitar o seu acesso. Ressaltamos que os aplicativos Google Meet, Google Hangout, Skype, Zoom e WhatsApp foram disponibilizados.

Em seguida, mais três entrevistados foram contatados no mês de julho: o Prof. Artur Nogueira (Diretor do *campus* Duque de Caxias), e dois servidores indicados pela Diretoria do Sindscope, os técnicos Edmar Marques e William do Nascimento Carvalho (que representaram o CPII no Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Técnica e Tecnológica [Sinasefe]² no período da expansão). No

² “O Sindicato [...] surgiu a partir da Federação Nacional das Associações de Servidores das Escolas Federais de 1º e 2º graus (Fenasepe) no dia 11 de novembro de 1988 – durante o Encontro Nacional das Associações de Servidores das Escolas Federais de 1º e 2º graus, realizado em Salvador-BA. O SINASEFE nasceu logo após a aprovação da Constituição Federal de 1988, a “Constituição Cidadã”, que consolidou o direito de sindicalização dos servidores públicos” (Sinasefe, 2022).

início de setembro, foi realizada uma entrevista com a Prof.^a Denise Sayde, atuante na ADCPII durante o período de expansão, pelo aplicativo Zoom. Essa entrevista ocorreu sem maiores interferências tecnológicas³ e por isso não discorremos muito sobre quando tratamos dos desafios em fazer entrevistas no formato remoto.

À luz do estudo de Archibald *et al* (2019), cuja discussão se faz acerca da escolha da plataforma Zoom como um meio de captação de dados para pesquisas qualitativas, apresentamos algumas considerações sobre a experiência do fazer entrevista de História Oral de forma remota. Em consonância com os autores, pudemos observar que o aplicativo Zoom foi o mais vantajoso em sua utilização pela facilidade de acesso ao entrevistador à função de gravação do vídeo, além da conversão do vídeo em áudio mp3 com ótima qualidade, o que possibilita uma transcrição mais precisa.

Compreendemos como uma vantagem a familiaridade da maioria dos entrevistados com o aplicativo, uma vez que fora utilizado pela instituição no início do trabalho remoto. Entretanto, o Zoom foi o aplicativo que se demonstrou mais sensível às oscilações da internet, com a interrupção da entrevista do Prof. Miguel Villardi, por exemplo, por três vezes, devido à baixa conectividade. Ademais, destacamos como a maior dificuldade a utilização da videoconferência do WhatsApp pela impossibilidade de gravação/captura de tela no período em que a mesma ocorre, o que nos levou a quase perder todo o conteúdo de áudio de uma entrevista de quatro horas.

Diferentemente das entrevistas pelo Zoom, a entrevista com a Prof.^a Vera Maria aconteceu por videoconferência no WhatsApp. Cientes de que o aplicativo não grava o áudio, nem mesmo o vídeo de ligações, optamos por utilizar o aplicativo VRecorder para obter o áudio da entrevista para garantir uma gravação de qualidade para sua transcrição. Contudo, o gravador do *notebook* também foi utilizado durante a entrevista para garantir o registro se o aplicativo VRecorder não funcionasse – o que de algum modo acabou acontecendo. Apenas por causa da gravação do *notebook*, as horas de entrevista não foram perdidas, embora não se tenha a mesma qualidade do áudio das entrevistas gravadas pelo Zoom. A entrevista do servidor Edmar Marques ocorreu também pela videoconferência do WhatsApp e foi necessário gravá-la, paralelamente, utilizando o gravador do *notebook*, como fora com a Prof.^a Vera Maria.

Quanto às demais entrevistas pelo Zoom: a entrevista com o servidor William do Nascimento Carvalho aconteceu sem problemas maiores do que um pequeno atraso na conexão. Em contrapartida, a que aconteceu com Prof. Diretor Artur Nogueira trouxe mais um contratempo técnico que comprometeu a qualidade de vídeo, porém sem

³ Entre os imprevistos que se sucedem em uma entrevista remota com maior frequência está a qualidade da conexão do áudio da videoconferência. Portanto, notamos durante a transcrição que algumas perguntas e respostas precisaram ser repetidas ou foram interrompidas, devido a esse problema. Considerando que tais interferências não aconteceriam frequentemente em uma entrevista presencial, a não ser por uma falha na comunicação. Como também uma experiência prévia com entrevistas realizadas presencialmente, pudemos concluir que as entrevistas remotas acabam se tornando mais longas e repetitivas para a análise de dados.

prejudicar a qualidade do áudio que fora transcrito.

A câmera do entrevistador foi bloqueada pelo antivírus do computador, por um modo de proteção automático de imagem, sem que houvesse solicitação para tal. Considerando que ver o interlocutor no vídeo agrega maior confiabilidade ao momento da entrevista (Santhiago; Magalhães, 2020), pontuamos que, na impossibilidade de utilizar um outro dispositivo, a etapa de iniciação à entrevista seja um espaço para dialogar sobre o problema e suas implicações para o entrevistado.

Além disso, como apontam os autores, há aspectos que passamos a observar em detalhes a partir da experiência da entrevista de História Oral gravada em vídeo, como um recorte daquele momento em que nos aproximamos pela tela em um período de isolamento, no entanto, diferentemente da entrevista presencial, passamos a prestar mais atenção no modo como nos portamos diante da câmera do que nas expressões faciais e no olhar do interlocutor.

Pela necessidade de rever as entrevistas e observar aspectos ditos e não-ditos como destaca Pollak (1989), os documentos TCLE assinados, áudios e vídeos de cada entrevista, assim como as transcrições realizadas, foram arquivados em HD externo e em nuvem (Dropbox, Google Drive) para preservação segura dos dados. Os entrevistados receberam o TCLE pelos aplicativos DocuSign e D4Sign para assinatura eletrônica. Porém, também fora disponibilizado o TCLE por e-mail para os entrevistados que preferiram imprimir, assinar e retornar o TCLE assinado escaneado por e-mail.

Portanto, essa experiência nos ensina que, mesmo que estejamos gravando pelo Zoom ou por outro aplicativo que tenha a função de gravação, precisamos sempre colocar algum dispositivo tecnológico por perto ou um gravador a postos, pois muitos erros podem acontecer e desencadear na perda dos dados (tais como HD corrompido, memória cheia, problemas no desempenho do aplicativo, entre outros). Enquanto as entrevistas de História Oral romperam com as barreiras impostas pelo isolamento, trazendo o enfoque para a rememoração de suas experiências profissionais e pessoais no Colégio Pedro II, compreendemos que as dificuldades e os imprevistos no manejo da tecnologia podem surgir, ainda que se esteja preparado para utilizá-las.

Pós-entrevista: análise de entrevistas a partir de trajetórias narradas

Como Le Goff (2003) nos alerta, os documentos históricos possuem uma intencionalidade e, no caso da entrevista de História Oral, o relato já vem imbuído de uma memória seletiva (Pollak, 1992) do próprio sujeito. Diante disto, após a transcrição das entrevistas, tomamos por consideração que a etapa de análise partisse de suas trajetórias. Portanto, ao cruzar os trechos de entrevistas com os dados que já haviam sido consultados ou obtidos em documentos da instituição e em pesquisas

sobre esta, categorizamos três grupos de análise com relação à agência dos sujeitos na expansão do CPII, nos anos 2000.

Ademais, notamos a importância de considerar o contexto em que está sendo realizada a entrevista, uma vez que o fato narrado se torna uma reinterpretação do que fora vivenciado pelo entrevistado e do que fora compreendido pelo entrevistador, pela reconstrução que se faz a partir de seu discurso (Frank, 1992). E nesse contexto de isolamento, narrar sobre um tempo passado se trata de agir sobre a temporalidade do presente, como Rodeghero e Weimer (2021) destacam, uma vez que “promove” um distanciamento temporário do contexto da pandemia ao lembrar vivências passadas pessoais e profissionais.

De acordo com Ferreira (2002), as relações entre memória e história, na História Oral, evocam usos políticos do passado, como objetivamos trabalhar, uma vez que não se procura checar informações de outros documentos na elaboração do roteiro e durante a entrevista, considerando que diferentes versões de um mesmo fato nos levam a interpretar a lembrança e o esquecimento, como aponta Bosi (2004). Apresentamos, em seguida, o perfil de cada sujeito entrevistado, com base na conversa de ambientação, referente à etapa de iniciação da entrevista. Destacamos que no TCLE pedimos a autorização aos entrevistados para sua identificação, tendo em vista sua importância para a história institucional recente do Colégio Pedro II, de modo a também viabilizar a realização de pesquisas futuras sobre o movimento de expansão da instituição no período estudado.

Prof.^a Vera Maria Ferreira Rodrigues

A Prof.^a Vera Maria foi a primeira convidada a participar da pesquisa e contribuiu com as conversas iniciais de sondagem do objeto de estudo desta pesquisa, enquanto esteve na coordenação do Centro de Documentação e Memória do Colégio Pedro II (2014-2020). Atualmente aposentada, sua trajetória acadêmica e profissional se deu, em maior parte, no CPII: ex-aluna, ex-professora de Matemática, ex-Diretora Geral (2008-2012) e Reitora Pro Tempore (2012-2013).

Olha, [minha trajetória] se inicia há quase 60 anos atrás, em 1961, eu ingressei como aluna no colégio, fui aluna do primeiro na seção norte, que hoje é o *campus* Engenho Novo II, lá eu cursei o antigo ginásio, que é do 6º ao 9º ano atual, e depois eu fui fazendo um ensino médio que era a sede antigamente, é o atual *campus* Centro. Lá estudei [...] de 1965 até 1967. Aí, ao me formar, eu já tinha sido... desde metade já do ensino fundamental, eu já tinha claro a vocação ‘pra’ magistério, eu sabia que eu queria ser professora. [...] Aí terminei, eu fiz a faculdade; terminada a faculdade, o plano era fazer um curso ‘pra’ voltar ‘pro’ Pedro II. E eu fui presenteada muito mais cedo do que eu imaginava, surgiu a oportunidade. [...] O ano de 1972 era um ano que eu achava que não ia trabalhar. Eu tinha deixado a escola particular

que eu tinha trabalhado durante o último ano da faculdade, e pensava só em me dedicar ao filho. Quando foi a minha surpresa quando eu soube, em setembro, que uma colega minha que tinha estado comigo na faculdade, tinha sido... 'tava' trabalhando com um professor na época que se chamava solista, era um professor que só ganhava pela hora-aula lá no Engenho Novo até. Tinha havido necessidade de um professor de Matemática no Engenho Novo e essa minha colega tinha sido contratada temporária, né. Aí quando soube disso, chegou, meu sonho é dar aula no Pedro II, aí eu fui lá procurar o professor Haroldo. [...] Aí conversou comigo, '[...] Eu podia adivinhar que você estava aqui antes disponível 'pra' dar aula, mas deixa aí o seu telefone, se houver necessidade de outro professor eu faço contato', aí passa-se uns dias, ele ligou, 'Ô moça de sorte. [riso]. Faleceu um professor', e justamente no Centro, lá na sede, um professor que infartou. E aí nessa época, na verdade, a contratação era muito mais prática, né, era imediato. Não tinha processo como existe hoje o processo seletivo. Também era assim: se tinha aula você ganhava; se havia feriado e podia enforçar, você não ganhava. Não recebia férias, nada. Mas, de qualquer maneira, minha vontade de dar aula no Pedro II era, poxa, com menos de 1 ano de formada na faculdade já 'tava' lá dando aula no colégio que eu tanto sonhava, né, queria... (Vera Maria Ferreira Rodrigues, 2020).

Prof. Miguel Ângelo Villardi

O Prof. Miguel Villardi é professor titular de Biologia no Colégio Pedro II e integra seu quadro docente desde 1984, tendo atuado em outras instituições de ensino anteriormente. Atuou na gestão do *campus* Realengo como Diretor Adjunto do Prof. Diretor Geral Oscar Halac (atualmente Reitor do CPII) a partir de 2004 e assumindo, posteriormente, o cargo de Diretor Geral (2008-2017).

Bom, eh... eu sou filho de ex-aluna, a minha mãe tinha um orgulho danado de ter estudado no Pedro II, eu e meu irmão também estudamos no Pedro II, então eu cheguei no Pedro II na década de 1960 'pra' fazer o... que hoje é fundamental, era ginásio na época, né. E depois concluí em São Cristóvão porque foi época que separaram, né. O nível médio só existia em São Cristóvão e no Centro, e aí eu estudava em São Cristóvão... os meninos estudavam de manhã e as meninas estudavam à tarde [riso], porque não tinha diferença... não tinha banheiro preparado 'pra' receber, né, todo mundo. Depois daí fiz a faculdade; em 1982 eu fiz o meu primeiro concurso pro colégio, em que eu fui aprovado, mas não classificado, porque eu perdi na prova de títulos, eu tinha pouco tempo de formado, não tinha praticamente título nenhum, mas em 1984 eu consegui ficar, inclusive, em primeiro lugar no concurso, e o título só era usado em caso de empate, como eu não 'tava' empatado com ninguém eu consegui entrar, porque se dependesse de títulos naquela época, de novo eu teria perdido a vaga no colégio. Assim, de interessante da trajetória do Pedro II... eu falo a trajetória assim, eu realizei um

sonho que era trabalhar no Pedro II que realmente mudou muito a minha vida, eu que dava aula, manhã, tarde e noite, passei a cada vez reduzir mais, até ficar exclusivamente no colégio. E lembro muito da minha mãe falando assim, ela... a família não aceitava muito a minha escolha de ser professor, mas 'pra' ela, quando eu passei a ser professor do Pedro II, aí isso mudou totalmente porque aquele amor de ex-aluna dela fez crescer. (Miguel Ângelo Villardi, 2020).

Prof. Marcelos Caldeira

O Prof. Marcelos Caldeira é professor de História no Colégio Pedro II desde 1992 e iniciou sua trajetória no *campus* da Tijuca. A convite do Prof. Oscar Halac, foi coordenador de série e professor da unidade Niterói no início de seu funcionamento. Participou da gestão como Diretor Adjunto da Prof.^a Denise Carvalho de Mattos a partir de 2007, quando o Prof. Halac deixou a direção para implementar a unidade de Duque de Caxias. Segundo seu relato, em decorrência de problemas de saúde que afastaram a Diretora Geral, assumiu a direção em 2010 e permaneceu até 2017.

Sempre estudei em escola pública, mas nunca tive o privilégio de ser aluno do Pedro II, não. [...] Bom, eu tenho duas matrículas [de História] no colégio, o meu concurso foi em 1992, o segundo em 1994, eu entrei no ano seguinte, e desde aquela época eu trabalhei sempre na Tijuca, Tijuca 2. Teve um breve período, seis meses, que eu trabalhei no Engenho Novo... Engenho Novo 2, isso foi em 1996, por conta de um colega nosso que tinha ficado adoentado, lamentavelmente veio a falecer depois, mas foi um *campus* que eu gostei muito também. E aí eu retornei 'pra' Tijuca e fiquei lá até 2005, quando aí aconteceu o convite 'pra' eu ir 'pra' Niterói. A princípio eu até resisti um pouco, né, porque eu 'tava' na Tijuca desde o início, tinha muitos amigos lá que entraram no mesmo concurso, gostava demais e tal, mas acabei um pouco pressionado, acabei indo 'pra' Niterói e fiquei lá até 2017. Agora 'tô' no *campus* Centro em sala de aula. (Marcelos Caldeira, 2020).

Prof. Diretor Artur Nogueira

O Prof. Diretor Artur Nogueira é atualmente o Diretor Geral do *campus* Duque de Caxias (outubro de 2013-2017; 2018-), estando em seu segundo mandato no momento. Iniciou sua trajetória como docente no CPEI no próprio *campus* de Duque de Caxias quando tomou posse por meio do concurso público em 2008.

Eu sou ex-aluno, então tem uma trajetória grande [riso]. Eu ingressei no Colégio Pedro II, eu tinha 10 anos de idade, 10 'pra' 11 anos de idade. Eu sou estudante do *campus*... ex-aluno do *campus* Centro, na época unidade Centro, eu ingressei em 1991, por um fatídico concurso 'pra'... 'pra' antiga sexta série, seria o sétimo ano, parece que teve lá sobra de vagas e tal, aí decidiram abrir... ampliar o quadro

de alunos na época, isso foi em 1991... é isso mesmo, eu tinha 11 anos de idade. E assim eu ingressei, comecei a minha história no Colégio Pedro II, lá na unidade Centro, me formei lá em 1996, fui aluno da então diretora de unidade, da Vera Maria, né, e a atual diretora, a Andreia – ela me mata quando eu falo isso – ela foi minha orientadora [...], então eu sou... sou mais ou menos dessa época. Saí de lá do Pedro II e entrei direto na UFRJ [Universidade Federal do Rio de Janeiro], né, fiz curso, fiz lá o vestibular, sou físico, sou licenciado em física pela UFRJ, e em 2008 eu retornei ao Colégio Pedro II pelo concurso, então eu consegui passar aí nessa prova que a gente faz, né, nossa, essa prova quase arranca nosso couro, e consegui ingressar. É estranho, né, obviamente eu escolhi... eu queria ir lá pro centro, a minha casa e tal, onde eu estudei, mas acabou que tinha vaga ‘pra’ Caxias, né, uma... uma unidade aí em expansão, ela é unidade escolar descentralizada, né, Duque de Caxias, era UEDC [Unidade Escolar Duque de Caxias] na época. E como eu passei lá em 2008, né, o finalzinho de 2008, eu em 2009, eu comecei na unidade, cuja a direção era do atual reitor, né, do Oscar... do Oscar Halac, então fui professor de Física lá, né, em 2009, 2010, 2011, eu já... acredito que em 2011 ou 2012 eu assumi já a coordenação, antigamente tinha uma tal de coordenação de série, né, então já assumi essa coordenação de série; e em 2012 ou 2013 eu fui diretor adjunto do professor Oscar; e em 2014 quando o Oscar ganhou a reitoria, eu fui denominado como Diretor Geral Pro Tempore. (Artur Nogueira, 2020).

Edmar Marques

O técnico administrativo Edmar Marques aceitou o convite para a entrevista em nome do Sindscope e compartilhou que trabalha no CPIO desde 1987 e teve a oportunidade de representá-lo no Sinasefe,⁴ inclusive durante o período de expansão da instituição e da proposta de interiorização e ampliação da rede federal Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT).

[...] eu sou técnico administrativo e não sou ex-aluno, não [riso]. Eu não sou daqui, sou de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, eu vim em 1975. Eu entrei [no CPIO] em 1987 no concurso que teve, aliás o concurso foi até de 1984 e só fomos chamados lá em 1987. Eu acho até que a primeira turma de técnicos concursados do Pedro II. [...] Bom, eu por um acaso era coordenador geral lá do Sinasefe. O Sinasefe é o Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Técnica e Tecnológica. Eu era um dos coordenadores, o Sinasefe tem três coordenadores. Eu entrei como coordenador em 2007. (Edmar Marques, 2020).

William Carvalho

⁴ Nota-se que os entrevistados do Sindscope se referem ao Sinasefe como o Sindicato Nacional, não apenas como uma forma de abreviar seu nome como também de fazer menção ao alcance desse sindicato.

O atual Diretor Administrativo de São Cristóvão II e técnico em assuntos educacionais, William Carvalho foi indicado pelo Sindscope para participar da pesquisa por sua atuação junto ao MEC e ao Sinasefe no período da expansão do CPII. Sua trajetória se inicia em 1985 no Colégio e sua participação no sindicato nos remete aos tempos em que este era ainda uma associação – Associação dos Servidores do Colégio Pedro II (Ascope) – e compartilhou memórias da relação entre a militância sindical e os governos.

Eu trabalho no Colégio Pedro II desde 1985. E aí de lá ‘pra’ cá eu já passei por alguns *campi*, trabalhei em vários setores, já militei ao longo do tempo também como dirigente sindical durante muito tempo, conheço uma grande parte da rede federal de ensino, e hoje eu sou Diretor Administrativo do *campus* São Cristóvão II e substituto do Diretor Geral. [...] Na verdade eu comecei na antiga Ascope, não era nem Sindscope. Antes de ela se transformar em sindicato tínhamos duas associações: a ADCPII, que organizava os docentes, e a Ascope que era uma associação de benefícios que tinha filiação majoritária de técnicos administrativos. Em 1983, teve uma... perdão, em 1993 teve uma grande greve que a escola foi paralisada inicialmente pelos técnicos administrativos, e eu acabei indo ‘pra’ Brasília participar das atividades, fiquei meio impressionado com tudo o que eu vi, e quando eu voltei pela minha forma de falar, as pessoas disseram que talvez fosse uma boa que eu pudesse militar no sindicato e ajudar a organizar... não no sindicato, na época era Ascope. E aí eu me aventurei, a gente disputou uma eleição, eram três chapas, disputamos uma eleição com a chapa da diretoria que organizava a associação, ganhamos, e a partir daí foram várias eleições, né, que eu participei diretamente, indiretamente. Eu fui presidente da Ascope, depois fui presidente do Sindscope, depois transformamos em coordenações, não era mais presidencialismo. Eu fui várias vezes coordenador geral do sindicato, além disso fui coordenador geral do sindicato nacional [...]. (William do Nascimento Carvalho, 2020).

Prof.^a Denise Sayde

Atualmente aposentada, a Prof.^a Denise Sayde foi entrevistada no início de setembro. Sua trajetória no CPII se inicia em 1984 através do primeiro concurso de professores de Ensino Fundamental (anos iniciais) do mesmo. Além de participar da geração fundadora de professores dos Pedrinhos (atuando em São Cristóvão em 1984), participou da fundação da ADCPII em 1985, primeira associação do Colégio após a Ditadura, na qual exerceu funções administrativas por várias vezes, inclusive no período da expansão nos anos 2000.

Eu não sou ex-aluna, eu não conhecia o Colégio Pedro II, eu sou de Niterói, me formei no Instituto de Educação e entrei na Fluminense ‘pra’ Ciências Sociais em 1976. E fui professora do município do Rio, professora primária, saí, montei

uma livraria com umas amigas, não deu certo e fiquei procurando emprego, apareceu concurso no Pedro II em 1984, foi o primeiro concurso ‘pra’ professoras do primeiro segmento. [...] Eu tinha 25 anos. Tinha passado um período em Sergipe, eu trabalhei lá um tempo numa cidadezinha do interior, fui morar com a minha irmã, mas vi que não ia ter futuro lá. Voltei. Bem, aí pintou o concurso, prefeitura de São Gonçalo e Pedro II. Foi aí que eu conheci Pedro II, realmente eu não conhecia nada de Pedro II. E larguei do... passei em São Gonçalo, mas não fiquei. E entrei no Pedro II em 1984, no grupo das 50 primeiras professoras que começaram o Pedrinho em São Cristóvão I, então tenho boas recordações, muitas recordações, foi um período muito bom. E eu lembro quando fomos recebidos pelo professor Tito Urbano, que ele saiu passeando com a gente pela escola ‘pra’ mostrar, entramos na sala do xadrez, que ainda tem, eu não sei como é que tá, uma sala de xadrez ali em São Cristóvão III, a sala da congregação. E quando passa em frente ao Pedrinho, São Cristóvão ‘tava’ em obra, aí ele virou e falou assim, ‘você que vão construir esse colégio’. Então toda a minha militância, todas as minhas lutas ali dentro, eu sempre digo, ‘o culpado é o professor Tito, ele que disse que a gente ia construir o colégio, eu acreditei nele’, e foi um movimento muito efervescente mesmo. (Denise Sayde, 2020)

Consonante às análises primárias de suas trajetórias contadas por meio das entrevistas remotas, percebe-se que o grupo é, em sua maioria, composto por servidores ainda ativos – apenas dois aposentados – e que grande parte dos entrevistados foi ex-aluno antes de atuar como docente do Colégio. Nenhum técnico entrevistado foi ex-aluno e ambos estão/estiveram envolvidos com a gestão do Sindscope/Sinafese.

Tendo em vista suas trajetórias, podemos pensar em três categorias primárias de entrevistados e demais sujeitos nesta pesquisa citados nesse contexto dos anos 2000. O primeiro grupo se refere aos *gestores implementadores/idealizadores* do movimento expansionista, isto é, dos quais partiram ideias e decisões maiores sobre a criação dessas novas unidades. Nesse grupo estariam Prof. Wilson Choeri⁵ – Diretor Geral à época do início da expansão, falecido em 2013 – e Prof. Oscar Halac – atual Reitor do CPII e seu braço direito, que implementou cada unidade, cuja função de Diretor Implementador se estendeu por pelo menos o primeiro ano de funcionamento das unidades de Realengo, Niterói e Duque de Caxias.

Para realizar o cruzamento de dados obtidos⁶ pelas entrevistas e pela análise de demais fontes históricas, consideramos os relatos de Halac (2011) em seu livro, sobre a sua participação na expansão do Colégio, uma vez que não foi possível entrevistá-lo

⁵ Wilson Choeri faleceu em 2013, aos 85 anos de idade, porém vários servidores relembram seu papel no desenvolvimento dos movimentos expansionistas dos anos 1980 e anos 2000. Ex-aluno e ex-Diretor do Colégio Pedro II, a instituição publicou, em seu site, uma nota no dia 15 de agosto de 2013 em sua homenagem.

⁶ Análise cruzada de fontes – orais (entrevistas e relatos) e escritas (documentos produzidos pela instituição/pelo MEC).

pessoalmente, devido à impossibilidade de agendar presencialmente esse compromisso junto ao Gabinete da Reitoria, em decorrência da suspensão das aulas em virtude da pandemia de Covid-19.

Em nossa lista de entrevistados, a trajetória da Prof.^a Vera Maria Rodrigues a destaca também como idealizadora e implementadora da expansão, no entanto, suas ações na execução das obras de Realengo e dos terrenos de Niterói e Duque de Caxias nos levam a compreender que também foi uma gestora executora do que já havia sido idealizado pela gestão de Direção Geral anterior (Wilson Choeri). Por isso, a consideramos como um sujeito pertencente ao segundo grupo de entrevistados, *gestores executores*, logo que sua função no CPII, ao longo dos primeiros anos de expansão, confere-a uma articulação entre o planejar e o executar.

Levando em consideração a função como gestor executor dos projetos deixados pela direção anterior, dando continuidade ao funcionamento da unidade de atuação – em boa parte, sucedendo ao Prof. Oscar Halac – e por assumirem essa função devido a uma rede de sociabilidade com o primeiro grupo, compreendemos que estão nesse grupo os *gestores executores* Prof. Miguel Villardi (Realengo), Prof. Marcelos Caldeira (Niterói) e Prof. Artur Nogueira (Duque de Caxias), além da Prof.^a Vera Maria Rodrigues (Reitoria), como mencionado anteriormente.

O terceiro e último grupo – *servidores sindicalizados* – denota a voz do associativismo no Colégio Pedro II, cuja atuação não se refere apenas a pautas acerca da expansão, mas também a uma preocupação pela busca de recursos e congruências junto ao Ministério da Educação ou a outras instâncias sindicais para garantir que todas as unidades funcionassem com mais recursos. Estão nesse grupo a Prof.^a Denise Sayde (ADCPII) e os Servidores Técnicos William Carvalho (Sindscope/Sinasefe) e Emarques Marques (Sindscope/Sinasefe).

À vista disso, a reflexão acerca das trajetórias dos sujeitos entrevistados nos leva aos estudos de Dubar (1998), uma vez que as trajetórias também podem ser “[...] marcadas pela continuidade inter e intrarrelacional, [...] por rupturas de qualquer natureza que implicam o retomar de identidades anteriormente adquiridas ou construídas” (p. 90).

A história oral, em decorrência, é um processo de recordação realizado por um sujeito individual, mas socialmente integrado. Os relatos e os testemunhos contêm em si um amálgama maior, o da inserção em uma comunidade específica. (Delgado, 2017, p. 49).

Portanto, à luz da análise das entrevistas de História Oral, podemos perceber como as memórias se entrelaçam com a atuação profissional/acadêmica de cada sujeito, bem como podemos considerar o modo e o porquê de se envolverem com esse movimento de expansão. Deste modo, questionamo-nos: como idealizadores, executores ou sindicalizados, por quais motivos e como naquele momento participaram dessa expansão?

Os estudos de Soares (2014) e Maciel (2016) – que tiveram o Colégio Pedro II e o Instituto Benjamin Constant, respectivamente, como *loci* de suas pesquisas –, destacam o retorno de professores ex-alunos às suas instituições de origem como uma das nuances de análise da identidade profissional docente (Dubar, 2005). Conforme Azevedo (2005), o orgulho e o ufanismo dos ex-alunos e ex-professores corroboram para a preservação institucional, em diferentes esferas, graças a um programa institucional fortalecido.

Tendo em vista as diferentes formas de construção identitária (Dubar, 2005) e sua relação para com o exercício de sua profissão docente como um dos pontos de análise da trajetória dos entrevistados, à medida que realizamos as entrevistas, percebemos a possibilidade de intercâmbio entre as análises de História Oral e sociológica.

Partindo dessa reflexão, a memória evoca leituras de suas vivências em *framing*, isto é, uma memória enquadrada (Pollak, 1989). Consideramos que, durante as entrevistas, os sujeitos rememoram momentos de sua história enquanto *e/ou* servidor em paralelo às histórias institucional e pública, operando pelas margens das fronteiras sociais – referências advindas de suas socializações –, bem como de seus sentimentos (tais como, o de pertencimento), o que nos levou a considerar um itinerário pelas reestruturações e modificações relatadas pelos documentos que nos contam a história institucional do Colégio paralelamente às reformas educacionais brasileiras e ao contexto social e político da época.

Considerando que o resultado da entrevista é o produto do narrador e do pesquisador, segundo Portelli (1997), o que faz a História Oral essencial para esta pesquisa é a necessidade de problematizar o que não foi ainda problematizado por outros estudos, mesmo que a lista de entrevistados seja de servidores que foram agentes na expansão do colégio, à frente de decisões e de arranjos federativos necessários para sua implementação.

Considerações finais

Para além de ter se tornado uma única via de continuar cumprindo as atividades de pesquisa durante a pandemia de Covid-19, a entrevista *on-line* traz em si desafios, que contribuem não somente para uma pesquisa de doutorado, como também agregam conhecimentos tecnológicos à formação que podem assistir à atuação profissional e acadêmica em contextos semelhantes.

Considerando que a História da Educação, quando se ocupa de um objeto cuja memória reverbera ainda no tempo presente, pode se encontrar em outras fontes, além dos documentos escritos, como as entrevistas de História Oral, contamos com a pesquisa pela internet, com as redes sociais e a colaboração de colegas de trabalho, tal

como sujeitos entrevistados, para conseguir indicações de entrevistados, documentos de arquivos pessoais, como fotos e vídeos, entre outros materiais.

A realização de entrevistas de História Oral durante o período de isolamento social imposto pela pandemia nos levou a romper barreiras até então invisíveis no uso da tecnologia e na adequação da metodologia às demandas dos sujeitos e do fazer histórico. Compreendemos que a História Oral nos permite uma experiência multissensorial ao passo que realizá-la pela tela em 2020 nos relegou a um (re)encontro de lugar de escuta, no qual os entrevistados puderam reescrever a temporalidade presente frágil e desafiadora, por meio da rememoração de vivências profissionais e pessoais na instituição, em um momento em que suas portas estavam fechadas, como tantas outras instituições públicas de ensino, em decorrência da situação pandêmica.

“Dar um *zoom*” na utilização dessas ferramentas tecnológicas para as entrevistas de História Oral significou esbarrar em muitos desafios, tais como conexão baixa da internet durante a entrevista, disponibilidade e compatibilidade do dispositivo tecnológico (celular/computador) para uso do aplicativo, entre outros, além de adaptações necessárias como a humanização da entrevista, para que fosse um momento agradável, de troca de experiências e de revisitar sua trajetória e suas memórias.

Lançamos mão de novas leituras e de cuidados metodológicos que exigiram preparo nas etapas prévias (pré-entrevista e conversa de iniciação de entrevista, por exemplo) e posteriores (como a etapa de categorização e análise de transcrições) à entrevista. “Enquadramos” o bom humor e a boa vontade dos entrevistados que aceitaram o convite de participar desse modo, frente às oscilações dos aplicativos (especificamente, o Zoom), bem como a condução das entrevistas respeitando seu momento e sua trajetória colaboraram para uma experiência significativa de como é possível superar o momento atual e fazer História Oral de forma fluída e humanizada, mantendo a confiabilidade junto ao diálogo com os entrevistados, ainda que os olhares não pudessem se encontrar, como na entrevista presencial.

Concluimos que, em comparação à experiência da entrevista de História Oral por meio digital e à entrevista presencial, podemos apreender que mesmo que os sujeitos estejam em ambientes confortáveis e considerados seguros neste momento pandêmico que estamos vivenciando, há imprevistos advindos do uso da tecnologia e do acesso a dispositivos tecnológicos, como a oscilação da internet, falas entrecortadas ou justapostas, além da presença de barulhos adversos que dificultam a escuta do interlocutor, bem como a transcrição.

Na entrevista presencial, ainda é possível um controle maior do ambiente, sem maiores interrupções, no entanto, diante da imersão digital e de consideráveis fatores que podem impedir a realização de entrevistas presencialmente, não há como descartar a possibilidade de fazer História Oral por meios digitais. Podemos fazer História Oral pela tela, desde que estejamos cientes de toda preparação necessária ao nos colocarmos à disposição de transpor barreiras invisíveis, físicas e temporais.

Referências

- ALBERTI, Verena. *Tratamento das entrevistas de história oral no CPDOC*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/6712>. Acesso em: 7 jul. 2022.
- ARAÚJO, Maria Paula; FERNANDES, Tania Maria. O diálogo da História Oral com a historiografia contemporânea. In: VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Org.). *História Oral: teoria, educação e sociedade*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006. p. 13-32.
- ARCHIBALD, Mandy M. *et al.* Using zoom videoconferencing for qualitative data collection: perceptions and experiences of researchers and participants. *International Journal of Qualitative Methods*, v. 18, 2019. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1609406919874596>. Acesso em: 10 set. 2021.
- AZEVEDO, Denise Sayde de. *As vicissitudes da escola pública devido ao neoliberalismo e ao clientelismo*. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFF, Niterói, RJ, 2005.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 11. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo, identidades*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. (Coleção Leitura, Escrita e Oralidade).
- DUBAR, Claude. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DUBAR, Claude. Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 19, n. 62, p. 13-30, abr. 1998.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 314-332, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/afpGyHz8dRnk56XjFCGs736F/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 7 jul. 2022.
- FRANK, Robert. La mémoire et l'histoire. In: VOLDMAN, Danièle. *La bouche de la vérité? La recherche historique et les sources orales*. Paris: Institut d'Histoire du Temps Présent, 1992. (Cahiers de l'IHTP, 21). p. 65-72.
- HALAC, Oscar. *A expansão do Colégio Pedro II*. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 2011.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 423-484.
- MACIEL, Cristiane Vales. *De alunos a professores: trajetória docente do Instituto Benjamin Constant (1960 – 2015)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, 2016.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7- 28, 1993.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, São Paulo, n. 14, p. 25-39, 1997.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Projeto História*, São Paulo, n. 15, p. 13-49, 1997.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luta e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos & abusos da História oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 103-130.

RODEGHERO, Carla Simone; WEIMER, Rodrigo de Azevedo. Pode a história oral ajudar a adiar o fim do mundo? Covid-19: tempo, testemunho e história. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 74, p. 472-491, set./dez. 2021.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de Rompendo o isolamento: reflexões sobre a história oral e entrevistas à distância. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 27, 2020.

SINASEFE – SINDICATO NACIONAL DOS SERVIDORES FEDERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA, PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA. História. *Sinasefe*, Brasília, 2022. Disponível em: <https://sinasefe.org.br/site/sinasefe/historia>. Acesso em: 14 jul. 2022.

SILVA, Adriena Casini da. *É tudo ou nada?* Caminhos da expansão no Colégio Pedro II (anos 2000): da tradição à inovação. Tese (Doutorado em Educação) – PUC, Rio de Janeiro, RJ, 2021.

SOARES, Jeferson da Costa. *Dos professores 'estranhos' aos catedráticos*: aspectos da construção da identidade profissional docente no Colégio Pedro II (1925-1945). Tese (Doutorado em Educação) – PUC, Rio de Janeiro, RJ, 2014.

STROJA, Jessica. Oral History and COVID-19: drastic changes or business as usual? *Studies in Oral History*, n. 42, p. 193-195, 2020. Disponível em: https://oralhistoryaustralia.org.au/wp-content/uploads/2020_journal_full.pdf. Acesso em: 10 maio 2022.

Fontes orais

CALDEIRA, Marcelos. [jun. 2020]. Entrevistadora: Adriena Casini da Silva. Rio de Janeiro, RJ, 17 jun. 2020. [Zoom].

CARVALHO, William do Nascimento. [jul. 2020]. Entrevistadora: Adriena Casini da Silva. Rio de Janeiro, RJ, 30 jul. 2020. [Zoom].

MARQUES, Edmar. [julho, 2020]. Entrevistadora: Adriena Casini da Silva. Rio de Janeiro, RJ, 28 jul. 2020. [WhatsApp *videoconference*].

NOGUEIRA, Artur. [jul. 2020]. Entrevistadora: Adriena Casini da Silva. Rio de Janeiro, RJ, 29

jul. 2020. [Zoom].

RODRIGUES, Vera Maria Ferreira. [jun. 2020]. Entrevistadora: Adriena Casini da Silva. Rio de Janeiro, RJ, 23 jun. 2020. [WhatsApp *videoconference*].

SAYDE, Denise. [set. 2020]. Entrevistadora: Adriena Casini da Silva. Rio de Janeiro, RJ, 1 set. 2020. [Zoom].

VILLARDI, Miguel Ângelo. [jun. 2020]. Entrevistadora: Adriena Casini da Silva. Rio de Janeiro, RJ, 9 jun. 2020. [Zoom].

Recebido em 31/10/2021

Versão final reapresentada em 31/05/2022

Aprovado em 09/06/2022

Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE): certificado nº

24170919.2.0000.9047, projeto aprovado pelo Comitê de Ética do Colégio Pedro II em 15 de dezembro de 2019.

Fonte de financiamento: pesquisa de doutorado realizada com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Conflito de interesses: nada a declarar.